

MEMÓRIAS DO DESLOCAMENTO: UM ESTUDO DA OBRA *PELO FUNDO DA AGULHA*, DE ANTÔNIO TORRES

Claudia Eliane Zortea¹

(UNEMAT)

Resumo: Neste trabalho discutimos o deslocamento do homem contemporâneo a partir do estudo da memória de Totonhim, personagem do romance **Pelo fundo da agulha**, escrito por Antônio Torres. A obra compõe uma trilogia que conta a saga de uma família de nordestinos dispersada pela perda da propriedade rural cujos membros, com exceção do pai, sentem necessidade de mudança visando melhores condições de vida. Em **Pelo fundo da agulha**, Totonhim, pelas vias da memória, faz uma viagem interior para reavaliar sua vida, desde antes de sair da terra natal até o presente, quando encontra-se deitado em sua cama, completamente angustiado e inerte. Para o desenvolvimento da pesquisa utilizaremos como fundamentação teórica as reflexões de Edward Said sobre o exílio e de Maurice Halbwachs e Paul Ricoeur acerca da memória.

Palavras-chave: literatura contemporânea, Antônio Torres, memória, deslocamento, exílio.

Abstract: In this work we discuss the displacement of the contemporary man throughout the study of the memory of Totonhim, character of the romance **Pelo fundo da agulha** written by Antônio Torres. The work is a part of a trilogy that tells the saga of a northeastern family dispersed because of the loss of a rural property whose members except the father, feel a need of change looking for better life conditions. In **Pelo fundo da agulha**, Totonhim, through the ways of memory, takes a journey inside himself to re-evaluate his life, since before leaving his birthplace till the present moment, while he is lying on his bed, completely distressed and inert. As theoretical grounding to the development of the research, we will use the reflections about exile from Edward Said and the reflections about memory from Maurice Halbwachs and Paul Ricoeur.

Keywords: contemporary literature, Antônio Torres, memory, displacement, exile

Um mundo que se pode explicar, mesmo com más razões, é um mundo familiar. Mas pelo contrário, num universo subitamente privado de ilusões e de luzes, o homem sente-se um estrangeiro [...].²

Nos anos 30, momento de grande conturbação social e política no Brasil, muitos brasileiros saíram do interior rumo ao centro do Brasil; iniciou-se o êxodo rural, intenso até os anos 80. A literatura brasileira não deixou de retratar esse deslocamento, tanto que a maior representação do migrante encontra-se na produção dos escritores regionalistas da década de 30. O escritor Baiano Antônio Torres dá continuidade ao legado literário nordestino trazendo transformações em função das mudanças de paradigmas contemporâneos. Em seu romance **Pelo fundo da agulha** fecha a trilogia sobre uma das condições do homem contemporâneo – o deslocamento.

A trilogia, composta pelos romances **Essa terra** (1976), **O cachorro e o lobo** (1997) e **Pelo fundo da agulha** (2006), conta a saga de uma família de nordestinos dispersada pela perda da propriedade rural cujos membros, com exceção do pai, sentem necessidade de

¹ Mestre pelo Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Estudos Literários – PPGEL, da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

² Trecho de *O mito de Sísifo*, de Albert Camus, In: *Pelo fundo da agulha*, p. 182.



mudança visando condições de sobrevivência. A partir de tal deslocamento geográfico, deslocam-se também as identidades.

Antônio Torres que nasceu em Junco, antigo povoado do interior baiano, ambientou várias de suas obras, entre elas **Pelo fundo da agulha**, nesta pequena cidade hoje com o nome de Sátiro Dias. Ao ser questionado sobre a influência de sua vida na construção de suas obras o escritor afirma que seu passado em Junco é um ponto de partida para suas narrativas:

[...] um caso real que me contam, uma lembrança de um rosto, de uma voz, de uma situação que me marcou. Mas o começo depende da primeira frase. Ela é que vai dar o tom do texto, e puxar a fabulação. Muita gente pensa que tudo, ou quase tudo, que escrevo é autobiográfico. Bom, não acho que tenha uma vida capaz de caber em 11 romances, um livro de contos etc. Mas que minhas vivências têm me dando um adjutório considerável, isso tem.³

“Junco: assim se divulgava o nome daquele lugar, que o ônibus ia deixando para trás. Cada vez mais” (TORRES,2006, p. 109). Totonhim, ao sair de casa, vislumbrava o que poderia acontecer num lugar de desconhecidos, onde o maior desconhecido era ele mesmo. As primeiras impressões o surpreenderam positivamente; a cidade lhe parecia “Gentil. E cheia de pressa” como a mulher de 30 anos, “uma balzaquiana”, que lhe dera carona num guarda-chuva ao chegar a São Paulo pela primeira vez.

Chegou numa manhã de chuva. Achou isso previsível. O que não era: a gentileza da mulher que ia passando debaixo de um guarda-chuva. Ao vê-lo de pé, e de maleta à mão, sob uma marquise, logo à saída da rodoviária, deu-lhe um braço, como se fosse uma tia, uma prima, uma amiga, uma namorada [...]. Admirou-se. Esperava que nos primeiros momentos a cidade se revelasse fria, estranha, ameaçadora (TORRES, 2006, p. 112).

A solidão não o arrebatou de imediato. Contudo, ele encontrou uma tristeza constante, ao sentir a duração do tempo e o egoísmo da cidade e das pessoas que o cercavam: “- Você da Bahia, mas se acostume, todos aqui vão dizer que você é do Norte, pois sabem pouco de geografia; esta cidade é muito voltada para seu próprio umbigo de locomotiva da nação” (TORRES,2006, p. 127), adiantou o desconhecido que mais tarde se tornaria seu melhor amigo.

Ao deixar Junco e instalar-se em São Paulo Totonhim passou a compor o grupo dos imigrantes. Estes se caracterizam pelo não pertencimento; alguém que deixou um lugar deslocando-se para outro, e neste novo lugar é visto como quem vem de fora. Esse movimento geográfico resulta, quase sempre, no deslocamento afetivo, que acontece quando os elos se

³ Entrevista concedida à revista *Clicertão*. Disponível em <http://antoniotorres.com.br/entrevista17.html>



fragilizam em meio à distância. Segundo Antônio Torres em relato sobre nordestinos instalados na periferia de São Paulo.

Quando chegava o mês de junho, eles pegavam uma sanfona, uma zabumba e um triângulo e iam para os botequins, para comemorar os famosos santos do mês, como se estivessem na Bahia. A vizinhança chamava a polícia, que chegava e os revistava. Assim que a polícia ia embora, pediam um rabo-de-galo, despejavam um pouco para o santo e diziam: “Eles estão na sina deles e nós na nossa. Vamos lá!” E o forró varava o tempo, até a polícia voltar. E quando cheguei àquelas bandas, todos me perguntavam: “Sabe dizer se está chovendo por lá?” Então entendi tudo: se dissesse que sim, muitos pegariam a estrada de volta.⁴

Segundo Said, “Nossa época, com a guerra moderna, o imperialismo e as ambições quase teológicas dos governantes totalitários, é, com efeito, a era do refugiado, da pessoa deslocada, da imigração em massa” (2003, p. 47). Tal retrato social tem sido problematizado pela literatura de tal forma que discutir o romance contemporâneo é quase sempre tocar no assunto do sujeito deslocado. São produções literárias que vão além da representação da condição de deslocamento, muitas vezes resultadas de experiências de intelectuais convertidas em arte.

De acordo com Said, o exílio é uma “fratura incurável entre o ser humano e o lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada” (SAID, 2005, p.46). Embora Said reconheça que a pessoa impedida de voltar para casa seja um exilado, faz distinções entre *exilados*, *refugiados*, *expatriados* e *emigrados*.

O exílio tem origem na prática do banimento; o exilado, uma vez banido leva uma vida nômade e muitas vezes infeliz. Os refugiados, criação do estado no século XX, são grandes rebanhos de gente que necessitam da proteção internacional. Os expatriados moram voluntariamente em um lugar motivados por interesses pessoais ou sociais. Os emigrados, geralmente escolhem viver noutro lugar, contudo, muitas vezes são determinadas situações que os obrigam a deslocarem-se.

O exílio nem sempre caracteriza o corte total com lugar de origem; o grande problema do exilado é a relação que ele mantém com a terra natal; vive em estado intermediário, nem de todo integrado ao novo lugar e nem liberto do antigo. Este tipo de exílio é entendido por Said como *exílio real*. Nem sempre o exílio real causa um mal estar, um sentimento de deslocamento ou desacordo com o lugar. Por outro lado, membros vitalícios de uma sociedade,

⁴ Entrevista concedida à Carlos Ribeiro em 11/06/01 no Jornal A Tarde. Disponível em <http://www.antoniotorres.com.br/entrevista13.html>.



muitas vezes, experimentam um estado de desassossego com a ordem vigente. Tais estados de inconformidade criam o que Said chama de *exílio metafórico*.

[...] o exílio nesse sentido metafísico é o desassossego, o movimento, a condição de estar sempre inquieto e causar inquietação nos outros. Não podemos voltar a uma condição anterior, e talvez mais estável, de nos sentirmos em casa; e, infelizmente, nunca podemos chegar por completo à nova casa, nos sentir em harmonia com ela ou com a nova situação (SAID, 2005, p. 60-61).

Partindo das considerações de Said sobre o *exílio metafórico*, julgamos possível afirmar que tanto os expatriados, emigrados, refugiados e exilados quanto pessoas comuns, podem experimentar a sensação de estar fora do lugar. Totonhim, num devaneio da memória, diz: “Lá havia o sonho de partir, aqui o de voltar. Se chegassem boas notícias” (TORRES, 2006, p. 142). Contudo, voltar para onde se o lugar não é mais o mesmo, se ele mesmo não é o Totonhim de antes? Não há como regressar, todas as lembranças nostálgicas pertencem unicamente ao passado e estão na condição de lembrança, ou seja, são reconstruções do passado com base em dados do presente, fundadas em outras reconstruções anteriores, todas já bem alteradas.

- Pensava que o estrangeiro aqui era eu, meu comandante – o senhor disse às cinzas da papelada de que era guardião. – E, antes de mim, o meu irmão Nelo. Depois dele, meu primo Pedrinho, o que também pôs o pescoço numa corda. Dele guardei não uma pasta explosiva, mas o estilingue que me deu no dia em que vim embora. Um presente para o pior caçador de passarinho que o mundo já havia conhecido, ele disse. Eu, o estrangeiro. A contabilidade dos estrangeiros da sua vida ia longe [...] sós, desgraçados, estrangeiros, mas civis. (TORRES, 2006, p. 182-183).

Logo nas primeiras frases da narrativa Totonhim é posto diante do leitor; está imerso num estado conflituoso entre o presente e o passado; vive um processo de transformação brusca e de tomada de consciência a respeito da relação com o trabalho e a família. Sozinho na cama e no mundo: aposentou-se, separou-se da esposa, está longe dos filhos e perdeu o melhor amigo.

Era outra cidade, e outros o país, o continente, o mundo deste outro personagem, um homem que já não sabia se ainda tinha sonhos próprios.

Cá está ele: na cama.

Não o imagine um guerreiro que depois de todas as batalhas finalmente encontrou repouso, abraçado a uma deusa consoladora dos cansados de guerra. Seria um exagero inscrevê-lo na lenda heroica. Esta é a história de um mortal comum, sobrevivente de seus próprios embates cotidianos, aqui e ali bafejando por lufadas da sorte, mais a merecer uma menção pelo seu esforço na corrida contra o tempo do que um troféu de vencedor. (TORRES, 2006, p. 7-8).

A narrativa em terceira pessoa é apropriada para edificar a personagem Totonhim, alheia a tudo; a total falta de sonhos e vontades não poderia levar o protagonista a contar sua



vida. Para isso entra em cena um narrador que parece a própria consciência de Totonhim, mas tomada como outro ser dentro de si, um estranho cúmplice de sua história que em momentos é cortante ao descrever incisivamente a derrota da personagem.

Totonhim vai descer a ladeira da memória, fazendo uma viagem interior para reavaliar sua vida, desde antes de sair de Junco, passando pela fase da juventude e chegando a vida de aposentado. Ao rememorar lances da vida percebemos um imenso apreço ao lugar de origem que cresce na medida em que se torna um anônimo na cidade de São Paulo. Apesar de ter se realizado profissionalmente em São Paulo, existe um elo que o liga às origens. No entanto, ao retornar ao Junco, as frustrações se intensificam visto que a cidade real destoa das idealizações feitas por ele no tempo em que passou distante.

Todo o sentimento do “não pertencer” atormenta Totonhim, que busca pela memória compreender a si, ou perder-se ainda mais, pois está entregue ao fluxo da memória. Suas lembranças são reconstruções, impressões que o pertencimento a determinados grupos permitiu realizar. Para Maurice Halbwachs, a lembrança é “a reconstrução do passado com a ajuda de dados do presente [...] preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada” (HALBWACHS, 2004, p. 76).

Segundo o sociólogo francês, é impossível conceber o problema da evocação e localização das lembranças sem a aplicação nos quadros sociais reais que servem como ponto de referência na reconstrução da memória. “A rememoração pessoal situa-se na encruzilhada das malhas de solidariedade múltiplas dentro das quais estamos engajados.” (DUVIGNAUD, Jean, IN: HALBWACHS, 2004, p. 14). O fato de uma pessoa lembrar-se das impressões que teve de maneira solitária não constitui uma prova de que a memória pode bastar-se e não ter necessidade de apoiar-se em outras pessoas.

Os grupos de que fala Halbwachs são aqueles que compomos ao nos relacionar: o grupo familiar, do trabalho, da escola, dos amigos, o grupo religioso, entre muitos outros. Tais grupos carregam suas memórias, a memória coletiva, o que permite sua existência. A memória individual só existe na medida em que um indivíduo compõe um grupo. De acordo com Halbwachs,

[...] se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo. Dessa massa de lembranças comuns, e que se apóiam uma sobre a outra, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles. Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este



ponto de vista muda conforme o lugar que ali ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios (HALBWACHS, 2004, p. 55).

Mesmo considerando o aproveitamento particular de determinada situação, ao explicarmos a diversidade de impressões individuais voltamos sempre à combinação de influências de natureza social. A sucessão de lembranças, mesmo as mais pessoais, explica-se pelas mudanças que se produzem em nossas relações com os meios coletivos, pelas transformações desses grupos, cada um tomado à parte, e também no conjunto. Estados que aparentam ter uma unidade irreduzível, como nossas lembranças mais íntimas, resultam da fusão de elementos diversos e separados. Contudo, se refletirmos essa unidade, percebemos que ela se converte em multiplicidade; “um estado pessoal revela assim toda a complexidade da combinação de onde saiu” (HALBWACHS, 2004, p. 56).

A duração de uma memória está ligada à duração da memória do grupo. Sendo assim, é necessária a preservação de elos entre os integrantes de um grupo para que a sua memória permaneça. São as marcas de proximidade que permitem às pessoas a continuidade no mesmo grupo, dividindo as mesmas recordações. Caso isso não ocorra, pode-se dizer que desaparece uma memória coletiva. Percebemos em Totonhim a quebra de elo entre ele e os grupos aos quais pertencia; as memórias ainda existem, mas rememorações de seu passado não contarão com a ajuda de outros na sua reconstrução. As memórias de Totonhim vão aos poucos construindo a figura do deslocado, que se apresenta apenas com a memória do passado longínquo do povo de Junco e do passado dos grupos dentro de São Paulo e alheio a qualquer pertencimento.

A importância do pensamento de Halbwachs está em desconsiderar absolutamente o solipsismo, pois nunca estamos sozinhos no ato de lembrar; pensamos e lembramos enquanto membros de um grupo. O escritor rejeita a ideia de que a coerência das lembranças é a unidade interna da consciência, pois quando acreditamos observar tal fenômeno em nós mesmos, somos vítimas de uma ilusão.

O filósofo francês Paul Ricoeur questiona Halbwachs: “O próprio ato de “se recolocar” num grupo e de se “deslocar” de grupo em grupo, e mais geralmente, de adotar o “ponto de vista” do grupo, não supõe uma espontaneidade capaz de dar sequência a si mesma?” (RICOEUR, 2007, p. 132). Para Ricoeur, se isso não for possível, a sociedade não teria autores sociais.



Para Ricoeur, nossa percepção do mundo exterior segue a mesma lógica dos fenômenos naturais, pois nossa representação do já vivido é um reflexo das coisas. Dessa forma, existem o encadeamento dos fatos materiais e o da memória coletiva. Ricoeur parte para o lado das representações coletivas para explicar o fenômeno do sentimento da unidade do eu, que segundo ele, ao contrário de Halbwachs, existe e é uma derivação do pensamento coletivo. “É no ato pessoal da recordação que foi inicialmente procurada e encontrada a marca do social. Ora, esse ato de recordação é cada vez nosso. Acreditá-lo não pode ser denunciado como uma ilusão radical.” (RICOEUR, 2007, p. 133).

Nas palavras de Antônio Torres, em entrevista a Carlos Ribeiro, Totonhim se move sobre seu próprio eixo, só sai da cama tendo como meio a memória. À sua maneira ele está tentando se entender com seu deslocamento; rememorar, para ele, não se reduz a fabulações, constitui busca de compreensão de si. Apesar de o protagonista rememorar suas relações com outras pessoas, na narrativa **Pelo fundo da agulha** é perspectiva de Totonhim que desencadeia a trama. Sendo assim, o ponto de vista de outras personagens só entra em cena filtrados pelo desassossego de Totonhim.

Acreditamos no ato solitário da memória, pois no período presente de sua vida Totonhim não conta com o coletivo para sustentar suas memórias. A narrativa é solitária; existe um narrador, que num primeiro momento parece ser outro, no entanto, no texto encontramos indícios de que este narrador é o próprio Totonhim, um outro ser dentro dele, fruto do processo de rememoração; um outro que vem para fazer o balanço de sua vida e contrapor idéias e pontos de vista.

Segundo Ricoeur a memória está no singular, como capacidade e efetuação, já as lembranças estão no plural e se apresentam em sequências favoráveis à composição de uma narrativa. Quando rememoramos fatos do passado, interpretamos fatos do presente, ouvimos um discurso, acompanhamos o pensamento de alguém e escutamos a nós mesmo em pensamento, podemos tomar duas atitudes, uma de tensão e outra de relaxamento, que se distinguem porque na tensão existe o esforço que está ausente no relaxamento. A busca da lembrança constitui o esforço contra o esquecimento; há, nesse processo o temor do esquecimento e o dever de memória.

A lembrança pertence ao mundo da experiência, contrário ao mundo da fantasia, que é totalmente livre e indeterminado. Uma lembrança, na medida em que se atualiza no presente, em que é representação de um passado, tende a aparecer em forma de imagem, mas o contrário



não é verdadeiro: imaginar não é o mesmo que lembrar; uma imagem me levará ao passado somente se houver a possibilidade de buscá-la no passado. Contudo, uma fenomenologia da memória não pode ignorar o que se chama de cilada do imaginário, pois, recorrendo às reflexões de Michelet, Ricoeur diz “que a ressurreição do passado tende, também ela, a revestir-se de formas quase alucinatórias” (RICOEUR, 2007, p. 70).

Na obra **Pelo fundo da agulha**, Totonhim volta-se para seu passado para tentar reconhecer a si mesmo, tentar reanimar o ser imóvel que está no presente. No entanto, quanto mais sua memória se esforça para solidificar o ser, mais ele se desmancha. Sua memória é traiçoeira ao trazer para o presente imagens dolorosas. Os destinos trágicos compõem a maior parte da memória de Totonhim, a começar pelo irmão Nelo que ao voltar para Junco, depois de um longo período em São Paulo, prefere cometer suicídio ao revelar o fracasso ao tentar enriquecer longe de seu povoado.

Quem atentou contra a vida não tem direito de missa de sétimo dia. Não entra no reino do céu, nem merece repouso no purgatório. Diz-se que acaba sendo rejeitado até por Satanás, que lhe recusa guarida [...] era um dia comum, passados uns poucos outros depois daquele tão cheio de “Ai, Jesus, um homem se matou. Logo o grande Nelo, que chegou aqui tão importante, tão cheio de dentes de ouro. Senhor Deus, misericórdia!” (TORRES, 2006, p. 96).

Entre todas as lembranças das pessoas que compunham o passado de Totonhim, a da mãe é a mais visceral. Uma mulher vigorosa que aos poucos, com os sofrimentos da vida, perde o juízo até ser internada num hospício.

Se, ato contínuo, aquela reclamante senhora lhe sorrisse, ao enfiar a linha no fundo da agulha sem a ajuda de óculos, ele iria achar que tinha ganhado a viagem.

Por mais que puxasse pela memória, não conseguia se lembrar de tê-la visto sorrir, uma única vez (TORRES, 2006, p. 202).

Que outra coisa poderia ter feito, ao vê-la se bater contra uma parede, a rasgar-se, unhar-se, por não haver suportado o trágico reencontro com o seu filho pródigo? Não ele. O outro. O que voltara para se matar. Ela não suportou a dor pelo final tão infeliz de um destino que lhe parecia glorioso [...]. Ainda se lembrava da pergunta que ela fazia, enquanto a levava para o hospício:

- Vamos passear? Estamos passeando, não estamos?

Aquilo foi de doer. Fundo (TORRES, 2006, p. 206).

O juízo da gente é assim como aquela linha fininha, que as costureiras enfiam no fundo de uma agulha. Quando se rompe, fica difícil de fazer remendo (TORRES, 2006, p. 99).

O juízo perdido da mãe o arrebatava mais do que qualquer destino trágico de outras pessoas próximas de si. Mas outros acontecimentos fatídicos cercam Totonhim e somam para



sua solidão. Outro suicídio, mais um, e que não será o último a atormentá-lo, desta vez de um primo, por quem tinha grande afeto, relatado em carta enviada pela mãe do hospício ao filho em São Paulo.

Vivia bem com a mulher, com os filhos, com todos. Nunca se queixou da vida, nem parecia mal com o mundo e consigo mesmo. Saiu de casa, todo sorridente, dizendo vou ali e volto logo. Levava uma corda, para amarrar um feixe de lenha. Foi encontrado pendurado numa árvore de beira de estrada (TORRES, 2006, p. 13).

Para muitas personagens da memória de Totonhim a solução para o desespero foi o suicídio. O leitor, ao entrar em contato com o fluxo de memória de Totonhim, sente o prenúncio de seu próprio fim. O narrador sugere ao leitor que apreensivo, pensa, e quase adianta, no decorrer da leitura, um possível desfecho, que é o suicídio de Totonhim.

Não se pretende aqui comparar personagens. Já sabemos que o da presente história não se inscreve na lenda heróica. Nem se teme a concretização de fantasias suicidas, levadas ao efeito pelo poder das influências literárias. No entanto, não negligenciamos quanto à associação de idéias que a palavra *pistola* pode provocar. Estaria este homem na cama tramando o tresloucado gesto?

Espantou a pergunta com um movimento de mão, como a livrar-se de um mosquito. Não é uma arma que ele tem sobre a mesa-de-cabeceira, e sim uma pilha de livros, que ele lê como quem reza, não só para afastar os maus pensamentos mas, principalmente isto, para tomar de empréstimo sonhos alheios, na esperança de vir a ter os seus (TORRES, 2006, p. 48).

A memória de Totonhim não é apenas a retenção dos fatos do passado, ou seja, lembrança, mas reproduções do passado atravessadas pela crise identitária do presente. A reprodução do passado, para Ricoeur trata-se de uma (re)apresentação de imagens do passado no presente, pressupõe um intervalo entre a lembrança primária e sua (re)apresentação. Quando o fato narrado é dado novamente à consciência, sofre uma modificação *sui generis* que é aplicada à percepção. Consideramos que a representação do funcionamento da memória de Totonhim incorpora essas características apontadas por Ricoeur, incluindo as ciladas e modificações da consciência, pois o narrador persegue e supervaloriza a imagem da morte e dessa forma sua angústia se intensifica.

Não existe saída para Totonhim; em São Paulo vive a absoluta solidão, pois não construiu laços que o envolvem como o lugar. Retornar ao Junco seria como ir para um lugar estrangeiro, pois aquele lugar sofreu transformações assim como ele; o passado em sua terra de origem só pode ser visitado pelas vias da memória solitária. O elo com povo do junco pode ser



comparado à linha que as costureiras enfiam pelo fundo de uma agulha, quando rompido, fica difícil de fazer remendo.

[...] por haver se aposentado, achava que São Paulo não era mais o seu lugar. Sentia-se só. Por isso decidira voltar ao ponto de partida. E se perguntava se devia ter saído dele. Agora, vivia na ilusão de que ali ainda encontraria pelas ruas, por serem poucas, feições humanas reconhecíveis, pessoas com tempo para conversar, para lhe dar um bom-dia sem querer lhe vender nada.

Quimeras (TORRES, 2006, p. 214).

Totonhim representa o processo histórico de migração de nordestinos para o sudeste brasileiro que assim como nossa personagem tiveram que se resolver com seu deslocamento e quebra da inteireza do pertencimento. De tudo que acontece com um deslocado, Torres insere na narrativa as angústias mais pessoais; o conflito interno, a parte não resolvida da vida, a falta de chão do sujeito que perde o que tinha em sua terra natal e não se encontra no lugar de destino.

O suicídio que rodeia Totonhim poderia ser uma solução para o exílio, como foi para os “estrangeiros” de sentimento que ele conhecia e por quem tinha afeto. Contudo, viver o deslocamento, do mesmo modo que foi uma condição, constitui uma opção; pairar sobre o mundo, como um nômade, um exilado, um anônimo que ao encontrar-se com o passado percebe-se um estrangeiro em relação às pessoas e também à efemeridade da matéria da memória.

Referências Bibliográficas

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução: Alain François [et al.]. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2007

SAID, Edward W. Exílio intelectual: expatriados e marginais. In: **Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. O papel público dos escritores intelectuais. In: **Humanismo e crítica democrática**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. Reflexões sobre o exílio. In: **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.



SAIDEL, Roberto H.; ALMEIDA, Ana Clara T. Leão. **Os percalços da migração: memória e identidade na trilogia de Antônio Torres.** Periódico de Diálogos Científicos, João Pessoa. V. 1, n. 5, p. 110 – 120, abril/2009.

TORRES, Antônio. **Pelo fundo da agulha.** Rio de Janeiro: Record, 2006.

